TEATRO
APLAUSO
Apoio cultural Prefeitura do Rio
ANO IV Nº 53
EXEMPLAR GRATUITO

Jornal do Teatro
Em Cartaz
Cláudio Cavalcanti
Ida Gomes
Ítalo Rossi
Louise Cardoso
Luiz Fernando Guimarães
Rosamaria Murtinho

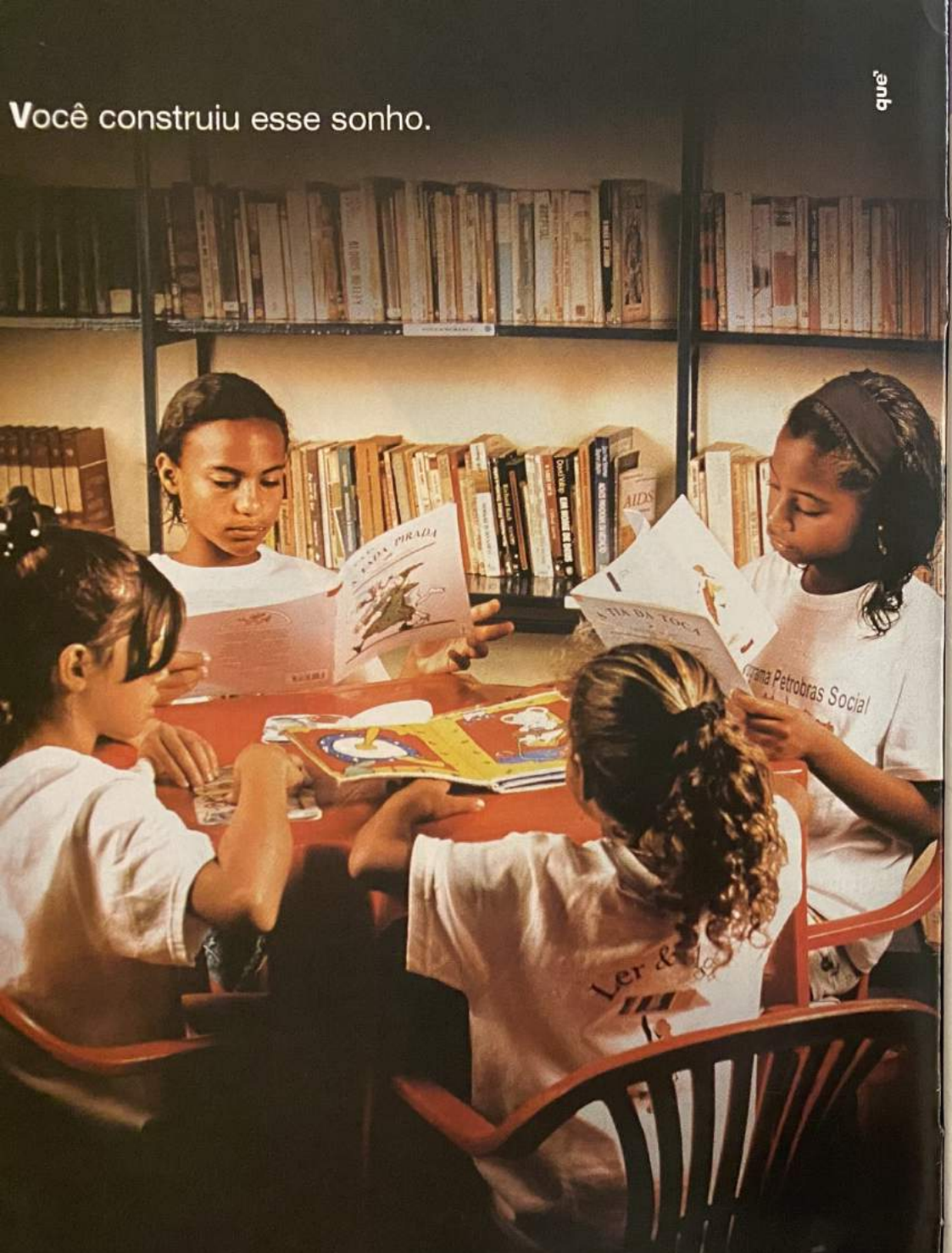
Andréa Beltrão em

Como aprendi a dirigir um carro

Um caso de amor polêmico e impossível

Você construiu esse sonho.

que?



A Petrobras é a empresa que mais investe em projetos sociais no Brasil. O que você quer sonhar agora?

PETROBRAS 50 ANOS
O Desafio é a Nossa Energia

BR PETROBRAS

Ministério de Minas e Energia

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

A importância do grupo

"Nos anos 50 e 60, passei pelo Teatro Amador do Grupo Sesc, fui um dos fundadores do Teatro dos 7 e integrei a Companhia Carioca de Comédia, com Flávio Rangel na direção geral. Montamos Bertold Brecht, Harold Pinter... Ao se criar uma companhia, há uma integração: é uma família que te acompanha por 6, 8 anos. Foi uma vivência única que os novos atores não têm a oportunidade de desfrutar.

Hoje, no momento em que se deixa de estimular as companhias de teatro, a grande dificuldade é ficar procurando atores que estão sempre comprometidos com a TV e o cinema. As peças atualmente não têm mais um grande elenco. Três ou quatro pessoas, no máximo. Quando há um elenco maior, é necessário se colocar nomes que tenham um apelo comercial. É necessário investir na qualidade do texto e da montagem. Aí a casa lota.

Estamos vivendo um imbróglio. Os bons textos estão aí, mas é necessário ficar caçando o elenco e tentar conciliar as agendas. O que é quase impossível. O mais complicado é que os atores mais novos não têm uma visão de grupo. Acham que ser profissional é partir em carreira solo. Mas a experiência em grupo é algo fundamental a qualquer ator, de qualquer idade.

Por mais que você não seja mais aquele jovem dos anos 60, é necessário se ter um mentor teatral. É um exercício diário, com um selo de qualidade. Não vai aqui qualquer crítica à carreira solo. Mas é preciso obter novamente esse espírito para que se resgate a qualidade do trabalho teatral e, conseqüentemente, a casa lotada. É preciso que nós atores tenhamos em mente fazer uma carreira – e não ser carreirista. Clareza e determinação para trilhar um caminho que seja verdadeiramente integrado à arte."

Ítalo Rossi, outubro de 2003

Cócegas de volta

Cócegas conseguiu nada menos que 118 mil espectadores na cidade, de maio de 2001 a setembro de 2002. Com o sucesso, seguiu para uma temporada paulista, atraindo mais 7 mil pessoas. Agora, Heloísa Périssé e Ingrid Guimarães voltam ao Rio com a impagável comédia, marcando presença no Teatro das Artes.

Férias culturais

Depois de curta temporada no Rio, Emílio Orciollo Netto está viajando com a peça *O Cara Que Dançou Comigo*, de Mario Bortolotto, que estará em Brasília e Goiânia até o final do ano. Depois o ator pretende fazer cursos de interpretação na Itália. Desde o italiano Marcello da novela *Esperança*, Emílio estreitou os laços com o país. Descendente de italianos, o ator quer conhecer a fundo o teatro local.

Outro Tartufo

A diretora Jacqueline Laurence e o produtor Edmundo Lippi pretendiam estrear *Tartufo* na mesma época da montagem de Tonio Carvalho, que saiu na frente e está com sua versão em cartaz no Teatro Clara Nunes. Mas a dupla não abandonou a intenção de encenar a peça, que deve estrear no Rio durante o primeiro semestre de 2004. Será no Teatro Sesi, com Ewerton de Castro, Ednei Giovenazzi e Helena Ranaldi.

Bicudo no Rio

Depois de 15 anos produzindo espetáculos em São Luís do Maranhão, Fernando Bicudo está de volta à cidade. Ex-diretor artístico do Teatro Municipal, de 1984 a 1988, a partir de 3 de outubro entra em cartaz com o espetáculo de dança *Terra Brasilis*, no Teatro João Caetano, contando a história do Brasil desde a pré-história até os tempos atuais.

MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte) e Janaína Medeiros (textos). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de capa: Flávio Colker/divulgação.

Ida Gomes

Teatro no currículo

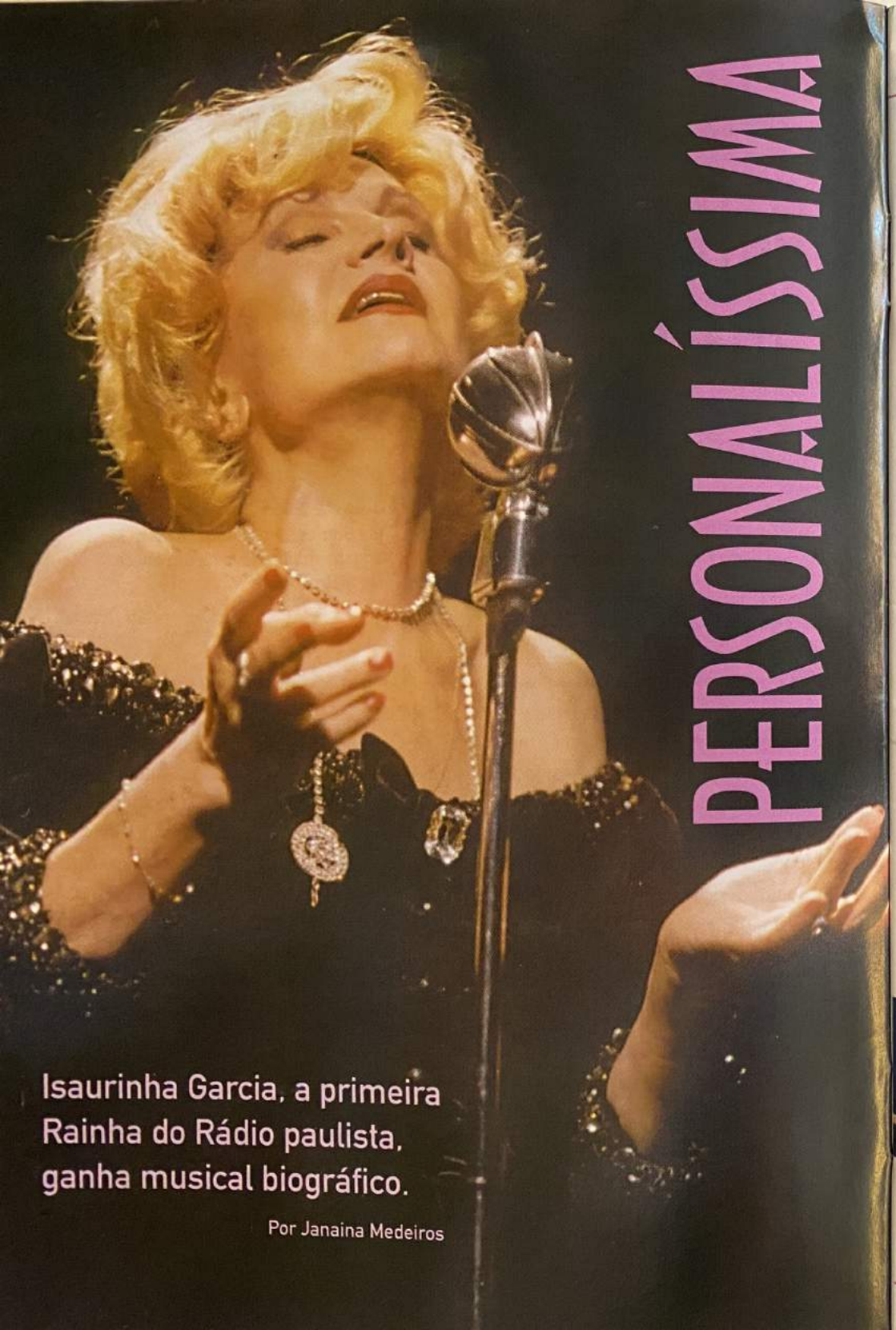
Ida Gomes: "No cinema, o ator engana muito. Na tevê, um pouco. No teatro, nunca"

Estou em cartaz com *Tio Vânia*, no Teatro Faap, em São Paulo. É a primeira vez que trabalho com Aderbal Freire-Filho — e foi uma descoberta deliciosa, como pessoa humana e diretor. Estou orgulhosa de fazer parte de um espetáculo tão bonito, com um elenco maravilhoso. Mesmo estando sempre com a casa lotada, acho que vale a pena fazer aqui uma reflexão.

Sou polonesa e fui criada na França, em Paris. Comecei a me interessar por teatro ainda lá, onde completei o curso primário. Fazíamos leituras de clássicos da dramaturgia e todas as crianças da minha escola eram levadas a assistir algum espetáculo. Quando vim para o Brasil, aos 13 anos, refugiada da 2ª Guerra Mundial, não consegui me esquecer dessa experiência. Dois anos depois, quando já dominava o português, inscrevi uma poesia minha no Programa Busca de Talentos da Rádio Nacional, ganhei o primeiro lugar. Daí virei rádio-atriz da Rádio Tupi do Rio e comecei a fazer peças no Teatro Amador. Não parei mais.

Nesses mais de 50 anos de carreira, fiz um pouco de tudo. Mas nada supera o teatro. No cinema, o ator engana muito. Na TV, um pouco. No teatro, nunca. No teatro, ou você é ou você não é. Por isso é uma experiência única para quem faz e para quem assiste. Entendo que hoje em dia a tentação de se ficar em casa assistindo TV, vídeo ou DVD seja muito grande. O que me preocupa é que, diante dessa tentação audiovisual, talvez as novas gerações sequer despertem a paixão pelo ritual do teatro.

É preciso que as autoridades culturais se preocupem em inserir, de alguma forma, o teatro no currículo escolar brasileiro. Somente assim poderemos formar uma nova geração de espectadores. Na Europa e nos Estados Unidos, também há violência, mas nem por isso os espetáculos sofrem com falta de público. É absolutamente necessário formar futuras platéias."



PERSONALÍSSIMA

Isaurinha Garcia, a primeira Rainha do Rádio paulista, ganha musical biográfico.

Por Janaina Medeiros

Antes de tudo, um espetáculo musical. *Personalíssima* promete agradar todas as gerações que conhecem ou não a vida e obra da cantora Isaurinha Garcia. A peça, que está em cartaz na sala 1 do Teatro Villa-Lobos, é uma homenagem à primeira Rainha do Rádio paulista. Sua carreira começou no final dos anos 30 e chamava atenção da multidão de fãs não só pela intensidade do seu repertório como também pelas manchetes sensacionalistas que atraía.

"Sempre admirei a Isaurinha por ser uma pessoa muito autêntica e verdadeira. Até o final da sua vida ela nunca enganou o público, nunca escondeu suas tentativas de suicídio nem os namoros polêmicos que teve. Era uma mulher independente e à frente de seu tempo, que bebia e falava palavrão em plena década de 40. E o que mais me atraiu nesta peça é que não livra sua cara. O texto do Júlio Fischer é tão autêntico quanto foi Isaurinha", compara a protagonista Rosamaria Murtinho.0

Por coincidência, Rosamaria costumava assistir as apresentações da cantora nos especiais da Record nos anos 50 e 60. E admirava tanto sua expressão corporal que confessa ter tido o hábito de imitá-la. "Eu não era exatamente fã. Gostava de algumas músicas e, principalmente, da sua interpretação. Dos trejeitos e da voz, cantando telecoteco com sotaque paulista", lembra a atriz, que conheceu o neto de Isaurinha – Rick Garcia – há dois anos. "Ele queria fazer um espetáculo que a lembrasse em 2003, quando faz 40 anos de sua morte".

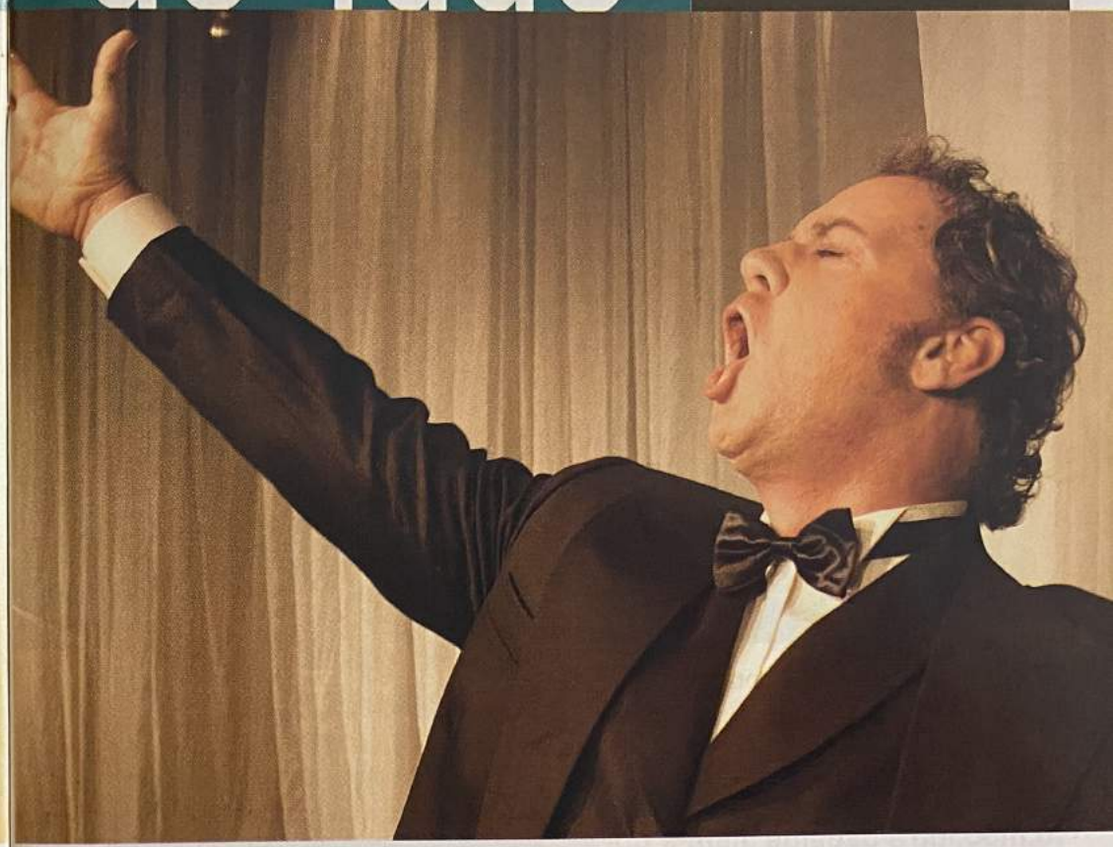
Com figurino de Marcelo Marques e direção de Jacqueline Laurence, a peça reproduz fielmente as sete décadas que a cantora viveu. "Não é um retrato cor-de-rosa, é um retrato da vida real. E também não é um musical, é uma peça com canções. Mas, sobretudo, mostra a personalidade cativante de Isaurinha Garcia", diz Jacqueline.

Gracinha

Um charme a mais no espetáculo é a participação de Hebe Camargo. A apresentadora, que foi uma das melhores amigas de Isaurinha, aceitou gravar sua voz para a peça. Na verdade, trata-se de uma reprodução de um diálogo real que aconteceu pouco antes de uma das várias tentativas de suicídio da Rainha do Rádio. "Já estou chegando, já estou indo aí. Não faça nada até eu chegar", diz a loura na ligação, contracenando com Rosamaria Murtinho.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

O caso da rua ao lado



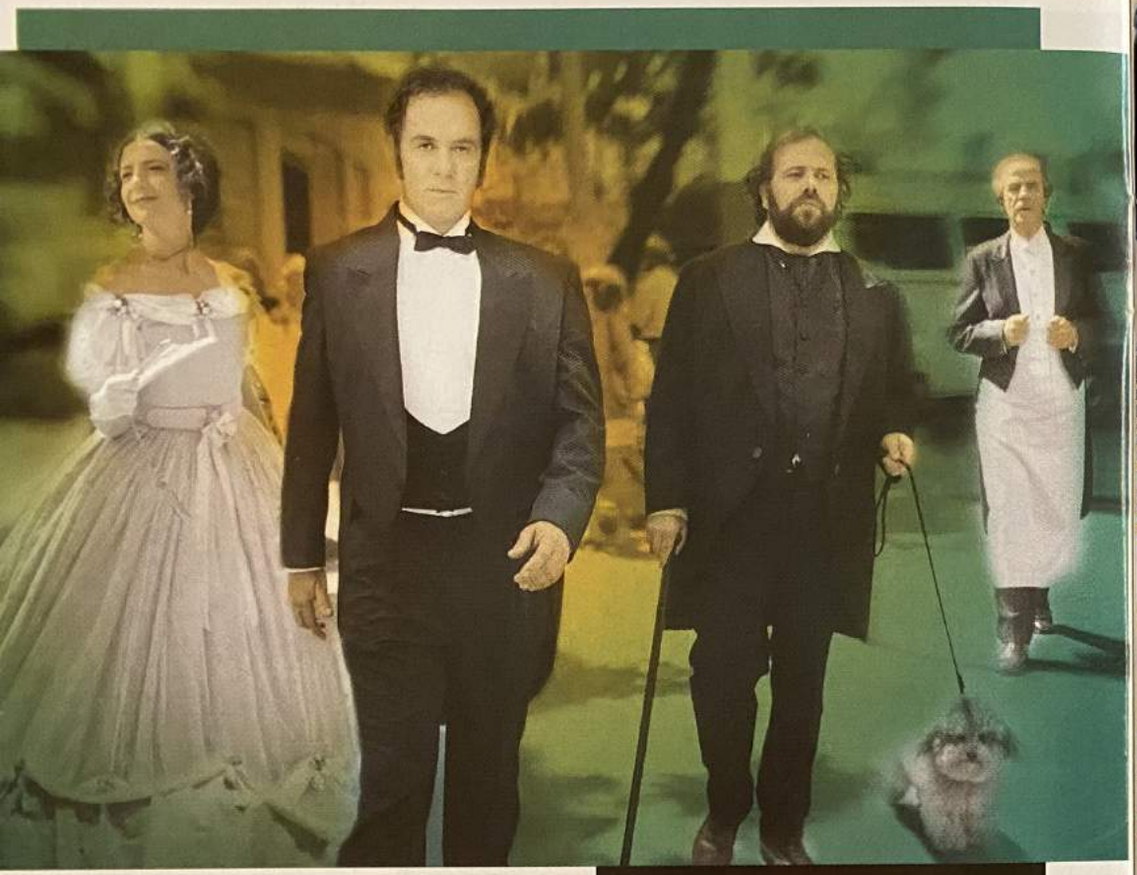
Luiz Fernando Guimarães e Otávio Müller estrelam clássico da comédia francesa.

Até onde um homem vai para criar suas próprias defesas? É a partir desta dúvida que o dramaturgo francês Eugène Labiche escreveu em 1837 o hoje clássico *O Caso da Rua Ao Lado*. Com tradução e direção de Alberto Renault, a peça estréia no dia 9 de outubro no Teatro dos Quatro.

"O texto me interessou de cara porque mostra o limite de um homem. O que antes era ruim, torna-se algo bom para ele quando tudo fica pior. Sua história muda a todo instante e ninguém sabe, nem ele mesmo, se é culpado ou não. Na dúvida, moral e bons costumes vão para o espaço para ele poder salvar sua pele", conta o protagonista Luiz Fernando Guimarães, que também produz a peça.

A história começa no dia seguinte a uma festa que o burguês e bon-vivant Lenglumé deu na sua casa. De ressaca, ele acorda ao lado de Mistingue, um cozinheiro pobre, que o anfitrião acredita ser um velho amigo. Mistingue se aproveita da confusão para desfrutar do conforto. Tudo parece um paraíso entre os novos amigos de infância até que a dupla ouve falar de um crime – que, segundo indícios, pode ter sido cometido por ambos.

Luiz Fernando Guimarães e Otávio Müller fazem a dupla dos supostos velhos amigos, Lenglumé e Mistingue. Acompanhados por Nelson Dantas (o criado Justin), Clarice Nis-



kier (a mulher reta e controladora de Lenglumé, Norine) e João Fonseca (o primo-compadre Potard) dão início a uma teia de intriga e acusações. E é com a trama entre estes cinco personagens que Eugène Labiche consegue tecer uma crítica ao caráter.

Figurinos de Claudia Kopke, cenário de Gualter Pupo e iluminação de Maneco Quinderé remontam o século 19, embora o texto não tenha sofrido uma tradução formal. "Ninguém fala 'tu' em cena", adianta Luiz Fernando. "E também optei por um espaço quase vazio, cercado de cortinas, porque queria dar a impressão de um teatro dentro do teatro, como se aquele drama fosse uma encenação", diz Alberto Renault, propondo um jogo entre ficção e realidade.

Primeira vez

Depois de dirigir seis óperas e trabalhar como colaborador de Bia Lessa, Alberto Renault decidiu fazer com O Caso da Rua ao Lado sua estréia como diretor de teatro. A escolha não foi por acaso. Renault se apaixonou pelo texto há 10 anos, quando assistiu em Paris uma montagem de um grupo alemão. "Assisti em alemão, língua que não falo, com legendas em francês, língua que falo. Mesmo com as barreiras óbvias, era impossível não se entregar e rir", conta.

FOTOS: VICENTE DE PAULO/DIVULGAÇÃO

Colecione!

Assine!

Enviamos para todo o Brasil

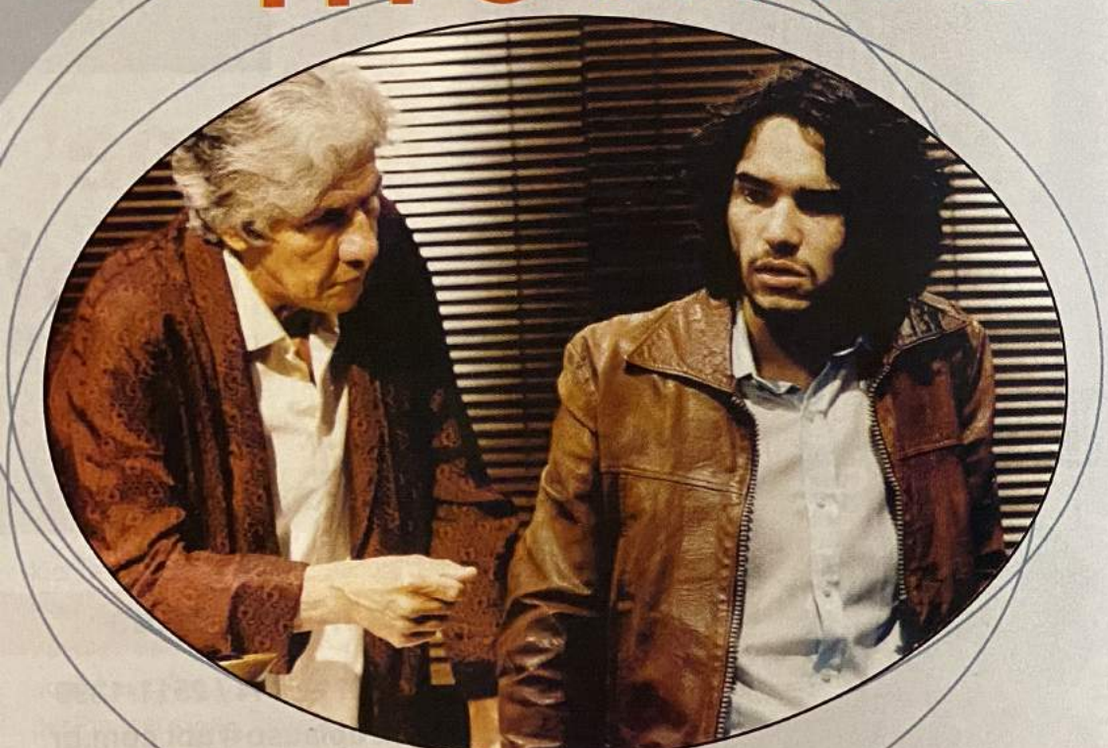
Maiores informações

Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390
ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

Assinatura semestral
R$ 24

Coleção completa de Aplauso por R$ 54!
Edições de 1 a 52

O mundo é um moinho



Fauzi Arap volta ao Rio em peça inédita sobre o resgate de um velho autor e seus ideais.

À primeira vista pode parecer conversa de panelinha. Um autor recluso há 15 anos, que não quer se vender ao sistema e está desgostoso com a vida, resolve retomar a profissão depois que um jovem ator lhe dá uma injeção de ânimo. Mas não demora muito até se perceber que *O Mundo é Um Moinho*, peça inédita de Fauzi Arap que entra em cartaz dia 17 de outubro no Teatro Leblon, pode ser muito mais universal do que se pensa.

"Superficialmente a peça aborda as dificuldades financeiras que se encontra para fazer teatro. Mais profundamente, porém, é uma analogia para os conflitos que qualquer profissional, de qualquer área, enfrenta", resume o autor, que pela primeira vez dirige uma peça sua no Rio. Curiosidade: o primeiro texto teatral de Fauzi, *Pano de Boca* (1975), estreou num palco carioca.

Retomada

Na trama, Rubens (Cláudio Cavalcanti) é o velho autor à beira da miséria, que vive isolado num pequeno apartamento no centro velho de uma grande cidade. Seu destino muda quando o jovem ator Luís (Caio Blat) chega à sua casa sob o pretexto de fazer uma pesquisa. Depois de um início conflituoso, nasce uma relação de amizade. E Luís consegue atrair para o apartamento Rubens seu pequeno grupo de teatro, formado por Vera (Maria Ribeiro), Lilinha (Christiana Kalache) e Rodolfo (Paulo Giardini).

"Esse novo grupo lhe dá uma injeção de juventude e o estimula à voltar à ativa. Quando li o texto, primeiro achei que o Fauzi tinha escrito a meu respeito. Logo percebi que é a respeito do Rubens, a meu respeito e a respeito de todo mundo", define Cláudio Cavalcanti, que já encenou 42 peças em 47 anos de carreira e tem se dedicado ao mandato de vereador pelo PFL-RJ.

Afastado da cidade há cinco anos – sua última peça aqui foi *Freud e o Visitante* – o ator comemora a volta em grande estilo. "Todo mundo já se cansou dessa corrida de ratos. Eu também, claro. Mas o personagem encontra o meio termo entre o idealismo dos jovens e a sua utopia", continua, apoiado por Fauzi Arap. "Acho que a grande lição é realmente essa: encontrar um meio termo."

40 anos de atraso

Em 1963, Cláudio Cavalcanti e Fauzi Arap se conheceram no Rio de Janeiro por acaso. Fauzi veio com o Teatro de Arena encenar Mandrágora, dirigida por Augusto Boal. Cláudio ensaiava outra peça. Embora guardassem profunda admiração profissional um pelo outro, ator e autor nunca conseguiram se reencontrar nem trabalhar juntos até agora. "Quando decidi montar a peça, imediatamente pensei no Cláudio, fiz com que o texto chegasse às suas mãos e ele ficou encantado. É apaixonante sua entrega ao papel", conta Fauzi.

FOTOS: SILVIO POZATTO/DIVULGAÇÃO

Como APRENDI a dirigir UM CARRO

A relação incestuosa entre tio e sobrinha é vivida no palco por Andréa Beltrão e Paulo Betti.

Por Janaina Medeiros

À primeira vista, um caso de pedofilia. Com um olhar mais atento, um amor impossível. *Como Aprendi a Dirigir Um Carro*, peça que estréia no dia 16 de outubro no Centro Cultural do Banco do Brasil (Teatro I), impede julgamentos extremados sobre o que é certo e o que é errado. Com direção de Felipe Hirsch, protagonizada por Andréa Beltrão e Paulo Betti, o espetáculo conta a história de Lil'Bit, hoje uma mulher madura, que analisa o conturbado relacionamento que teve durante a adolescência com seu Tio Peck.

"Tem pedofilia, sim, mas tem também a relação de amor profundo entre o tio e a Little Bit. É um amor impossível e consentido. Mesmo aos 11 anos ela gosta de estar com ele, sente prazer com ele. É um texto lindo, que fala sobre família, perdão, inteligência e sexo", explica Andréa Beltrão, que enfrenta o desafio de interpretar diversas fases da vida de Lil'Bit (ou Little Bit) – dos 11 aos 18 – sem mudança de figurino ou maquiagem.

Sutilezas

A história é narrada por uma Lil' Bit aos 40 anos recordando situações vividas na juventude (anos 70) e, principalmente, na

Andréa Beltrão

FOTOS: FLÁVIO COLKER/DIVULGAÇÃO

adolescência (anos 60), quando o então quarentão Peck, entre outras coisas, lhe ensinou a dirigir. E a beleza da peça está, em grande parte, neste ponto: já bem vivida, a personagem pode olhar o passado com distanciamento – e muito humor – e ver que o mesmo tio que a feriu também lhe deu inestimáveis presentes.

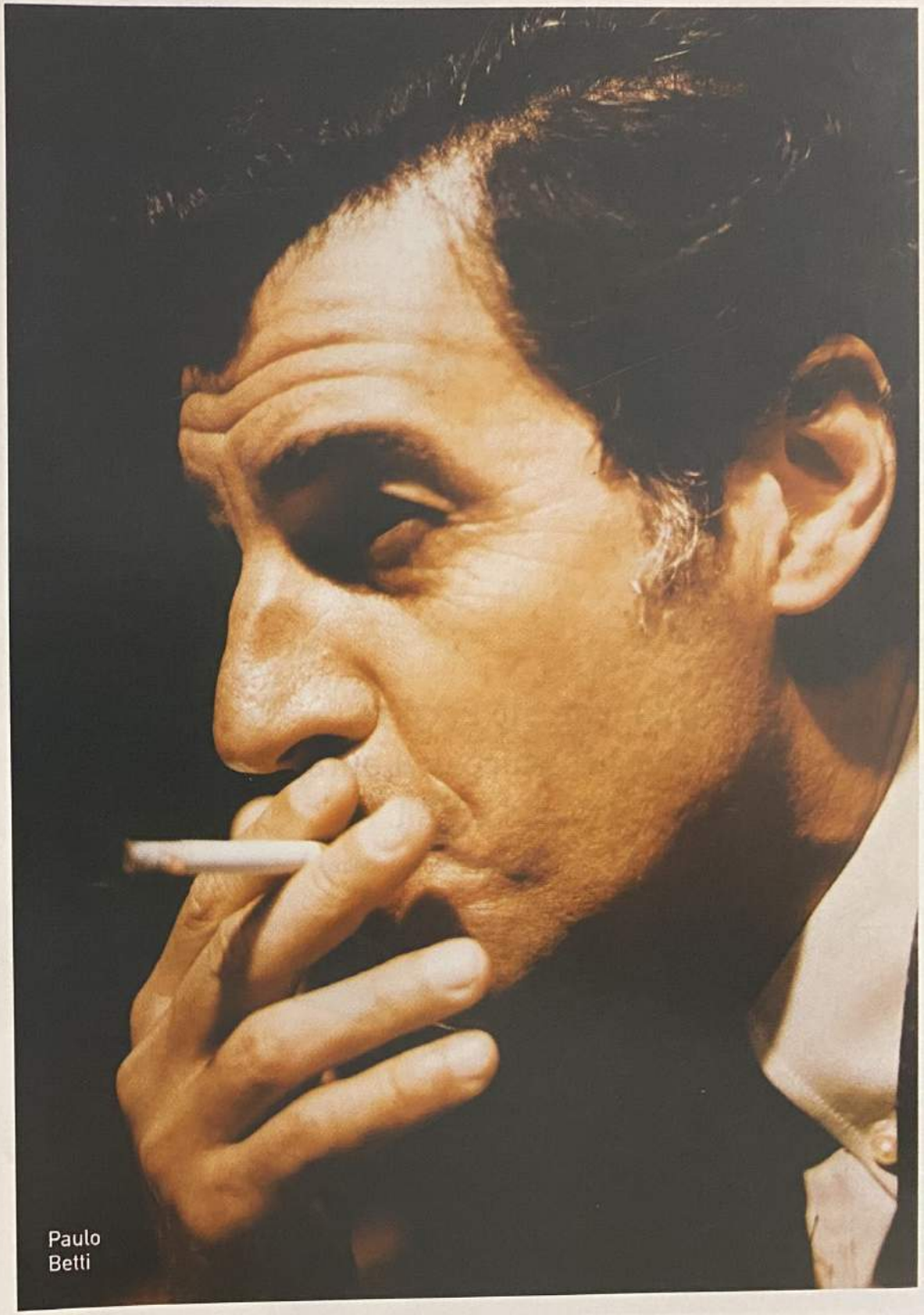
"A inteligência teatral de Andréa não utiliza virtuosismos para a passagem de tempo, só uma diferença de energia. É muito sutil e é para ser assim mesmo", elogia Felipe Hirsch. "O Felipe sabe muito bem onde quer chegar. Se não fosse por ele, não sei como eu conseguiria encontrar esse ponto em um mês de ensaio", completa Andréa, que já trabalhou com o diretor em *A Memória da Água*.

Autora premiada

É a primeira vez que um texto de Paula Vogel é encenado no Brasil. Aos 52 anos, a dramaturga nascida em Washington (EUA) é um dos principais nomes do teatro americano contemporâneo, com uma enorme capacidade de provocar risos e lágrimas ao mesmo tempo. "É o gene judeu que há em mim. Alguns dos momentos mais engraçados que já vivi foram em funerais", diz ela. Como Aprendi a Dirigir um Carro ganhou praticamente todos os prêmios teatrais americanos de 1998, entre eles o Pullitzer e o New York Drama Critcs Circle.

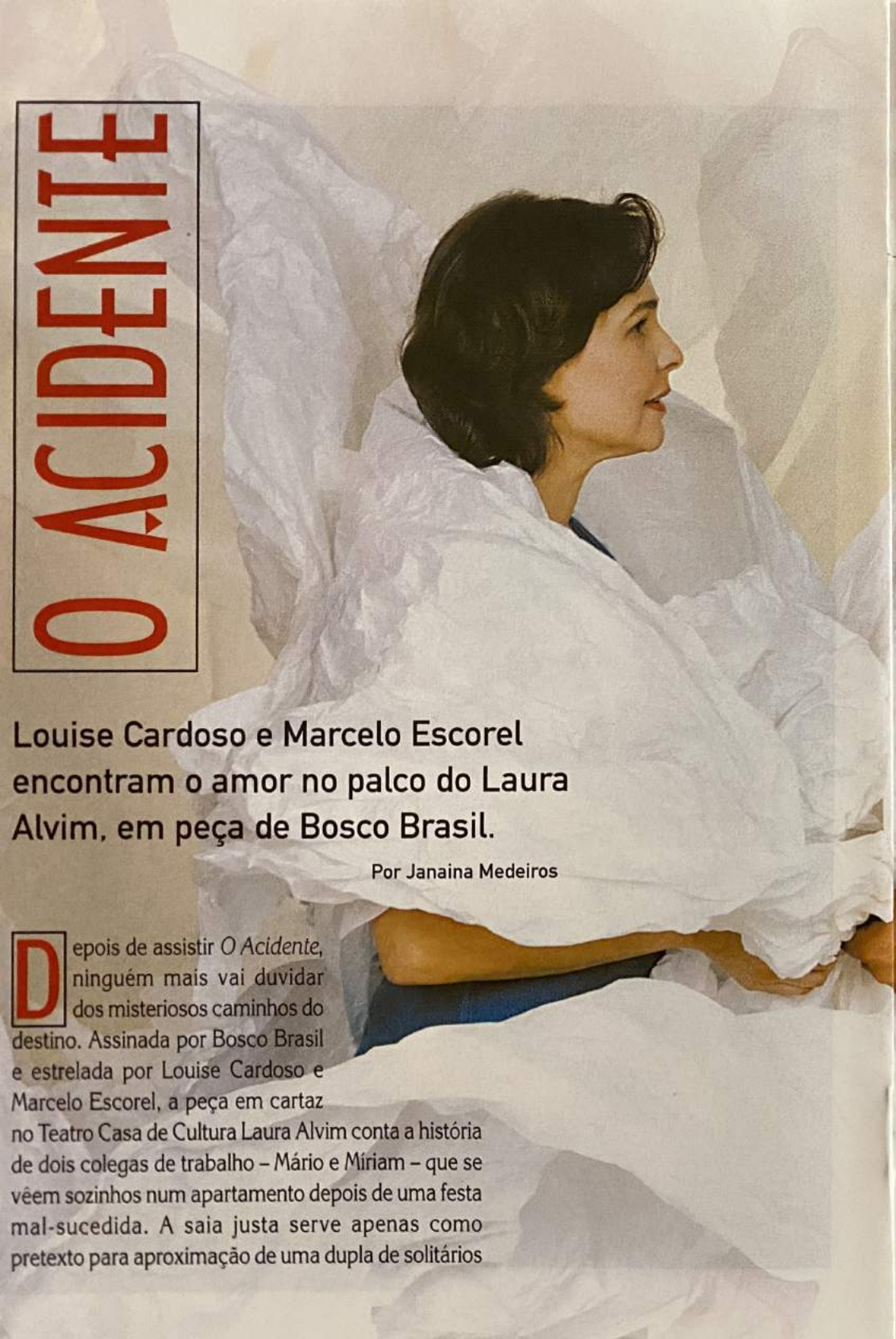
A parceria de Paulo Betti e Andréa Beltrão também não é de hoje. Por duas vezes o ator a dirigiu no teatro – *Amigo da Onça* (1989) e *Ação Entre Amigos* (1993). "A Andréa é uma excelente companheira de palco", defende Paulo, lembrando que a nova peça – apesar das aparências – não é um drama. "É uma comédia que conta uma tragédia. O público vai rir e sofrer com esses dois personagens", conta. "É uma peça sobre o amor".

Já Felipe Hirsch volta a trabalhar com sua tradicional equipe de criação: Beto Bruel (iluminação), L.A. Ferreira e Rodrigo Barros Homem d'El Rei (trilha sonora), Daniela Thomas (cenografia) e Rita Murtinho (figurino). No elenco há ainda Stela Freitas (mãe e tia), Mário Borges (avô) e Ivone Hoffman (avó).



Paulo Betti

O ACIDENTE



Louise Cardoso e Marcelo Escorel encontram o amor no palco do Laura Alvim, em peça de Bosco Brasil.

Por Janaina Medeiros

Depois de assistir *O Acidente*, ninguém mais vai duvidar dos misteriosos caminhos do destino. Assinada por Bosco Brasil e estrelada por Louise Cardoso e Marcelo Escorel, a peça em cartaz no Teatro Casa de Cultura Laura Alvim conta a história de dois colegas de trabalho – Mário e Míriam – que se vêem sozinhos num apartamento depois de uma festa mal-sucedida. A saia justa serve apenas como pretexto para aproximação de uma dupla de solitários que foge das complicações da vida e do amor.

"A Míriam é uma funcionária pública que trabalha há anos com o Mário, mas só o conhece de verdade depois desse encontro", diz Louise Cardoso, que também produz a peça. Solitária, Míriam é a típica burocrata solteirona: evita encontros sociais e só pensa nos números da repartição. Sequer aprofunda as relações com as pessoas com quem trabalha. Na verdade, um subterfúgio para fugir de um trauma do passado.

Montanha-russa

O trauma em questão é o misterioso acidente que dá título à peça. "O que mais me impressiona na história é que trata da delicadeza da condição humana", diz Marcelo Escorel, cujo personagem divide a inadequação social com Míriam. Mário também se sente um fracassado e vive apegado a antigos valores.

Para a diretora Cibele Forjaz, o interessante da trama é mostrar duas pessoas que escondem suas diferenças e, por um acaso do destino, revelam suas fragilidades e medos, criando um vínculo que se transforma num surpreendente caso de amor. "É uma espécie de montanha-russa de emoções. Suspense, comédia, drama e romance se misturam. E no meio de todo esse movimento, o público encontra o coração."

Sopa de letrinhas

Quem vê todos os livros no apartamento de Mário não imagina que eles escondam uma curiosidade. Conforme o personagem tece seu amor platônico por Míriam, ele vai aumentando sua biblioteca — e os títulos escondem referências literárias que o próprio Bosco Brasil usou no texto. São ao todo 500 livros, cedidos à produção da peça pelo sebo Baratos da Ribeiro.

FOTO: MURILO MEIRELLES/DIVULGAÇÃO

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A ÓPERA DO MALANDRO

Superprodução do musical de Chico Buarque. Conta a história de um contrabandista que se casa com a filha do rival, um cafetão da Lapa. Direção: Charles Möeller (direção musical de Cláudio Botelho). Com Mauro Mendonça, Lucinha Lins, Soraya Ravenle, Claudio Tovar. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/nº, Centro). Fone: 2232-8701. Quinta e Sexta, 19h. Sábado, 21h. Domingo, 18h. R$ 15 (idosos e estudantes R$ 7,50).

ASSASSINATO EM SÉRIE

Trilogia de suspense composta pelos espetáculos *Cena do Crime*, *Combinado* e *Outro Combinado*, com a Cia. teatral Os Dezequilibrados. Texto: Daniela Pereira de Carvalho. Direção: Ivan Sugahara. Com Ângela Câmara, Cristina Flores, José Karini. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. *Combinado*: sexta a domingo, 19h; *Cena do Crime*: sexta a domingo, 20h30; *Outro Combinado:* sexta a domingo, 22h; R$ 15 (por espetáculo) e R$ 35 (a trilogia).

BATALHA DE ARROZ NUM RINGUE PARA DOIS

Comédia de Mauro Rasi escrita especialmente para Cláudia Jimenez e Miguel Falabella, falando dos caminhos e descaminhos do casamento. Direção: Miguel Falabella. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30 (qui. e sex.) e R$ 40 (sáb. e dom.). Até 21 de dezembro.

CÃOCOISA E A COISA HOMEM

Espetáculo mostrando a relação do homem e seu animal de estimação em diferentes épocas e situações da história. Direção e dramaturgia: Aderbal Freire-Filho. Com Luís Melo, Nena Inoue, Regina Bastos. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá, 166, Humaitá). Fone: 2266-0896. Sextas e sábados, 21h. Domingos, 20h. R$ 10. Idosos e estudantes pagam meia. Até 26 de outubro.

CÓCEGAS

Escrita e interpretada por Ingrid Guimarães e Heloísa Périssé, a montagem ganha novo cenário para recriar o clima de intimidade da primeira temporada. Direção: Aloísio de Abreu, Sura Berditchevsky, Luiz Carlos Tourinho, Marcelo Saback e Régis Faria. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30 (qui.), R$ 35 (sex. e dom.) e R$ 40 (sáb.). Estudantes pagam meia.

COMO APRENDI A DIRIGIR UM CARRO

Li'l Bit relembra o passado e sua família, principalmente seu Tio Peck. Texto: Paula Vogel. Direção: Felipe Hirsch. Com Andréa Beltrão, Paulo Betti, Ivone Hoffman. **Teatro I do Centro Cultural do Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 19h. R$ 10. Estréia 16 de outubro (até 21 de dezembro).

COMOÇÃO

A quarta montagem da companhia Alice 118 é um espetáculo de dança que mostra diferentes fases da vida. **Concepção, roteiro e direção**: Ana Kfouri. **Espaço SESC** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 e R$5 (meia). Estréia dia 17 de outubro.0

ESSE ALGUÉM MARAVILHOSO QUE EU AMEI

Casal de escritores enfrenta a crise dos 7 anos e começa a fantasiar infidelidades com personagens da literatura. Texto: Aloísio de Abreu. Direção: Cininha de Paula e Aloísio de Abreu. Com Marcelo Serrado e Claudia Rodrigues. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 25 (qui., sex. e dom.) e R$ 30 (sáb.). Estréia 16 de outubro.

ESSE CARA NÃO EXISTE

Homem acorda numa festa estranha e começa a reavaliar sua relação com a mulher e a amante. Texto e direção: Mauro Farias e Evandro Mesquita. Com Evandro Mesquita, Maria Clara Gueiros e Adriana Garambone. **Teatro do Leblon – Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30 (qui.), R$ 40 (sáb.) e R$ 35 (sex. e dom.).

EU, HENRIQUE VIANNA

Inspirada no clássico da literatura *O Apanhador no Campo de Centeio*, de J. D. Salinger, a peça acompanha alguns momentos da trajetória de Henrique Viana que, aos 17 anos, passa por situações curiosas. Adaptação: Bernardo Jablonski. Direção: Bernardo Jablonski e Fabiana Valor. Com Fernando Caruso, Bia Junqueira. **Teatro Tablado** (Av. Lineu de Paula Machado, 795, Jardim Botânico). Fone: 2294-7847. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h30. R$ 20.

FAUSTO

Baseado no livro de Göethe, conta a história do homem que negocia sua alma com o diabo. Direção: Moacir Chaves. Com Gabriel Braga Nunes e Fernando Eiras. **Teatro do Planetário/ Maria Clara Machado** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Somente dias 28 e 29 de outubro.

APLAUSO TEATRO 5 ANOS

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

IL PRIMO MIRACOLO

Com direção e atuação do gaúcho Roberto Birindelli, responsável também pela adaptação, a peça traz 21 personagens nesta paródia que conta os primeiros anos de vida de Jesus. Texto: Dario Fo. **Teatro Maria Clara Machado/ Planetário** (Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2239-5948. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 10 (estudantes e idosos pagam meia). Somente dias 17, 18 e 19 de outubro.

INTIMIDADE INDECENTE

Texto de Leilah Assumpção sobre os encontros e desencontros de um casal dos 50 aos 80 anos. Direção: Regina Galdino. Com Irene Ravache e Marcos Caruso. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antonio Carlos, 58, Centro). Fone: 2215-1708. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 50. Maiores de 60 anos pagam meia (qui., sex. e dom.).

MUITOS ANOS DE VIDA

Segundo projeto da Companhia dos Atores Independentes, mostra o encontro de Marilyn Monroe e Super-Homem numa inusitada partida de xadrez em comemoração ao século 21. Texto e direção: Rodrigo de Roure. **Espaço Cultural Sergio Porto** (Rua Humaitá, 163, Humaitá). Fone: 2266-0896. Sextas e sábados, meia-noite. R$ 10. Até 25 de outubro.

NUNCA PENSEI QUE IA VER ESSE DIA

Mulher de 25 anos criada pela avó resolve buscar seu passado e visitar a mãe, que está condenada à prisão perpétua por matar seu pai. Texto: Rona Munro. Direção: Luiz Antonio Pilar. Com Iléa Ferraz, Sheron Menezes. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15.

O ACIDENTE

Sozinhos num apartamento depois de uma festa de aniversário fracassada, os colegas de trabalho Mário e Míriam começam uma amizade que revela angústias, traumas e afinidades. Texto: Bosco Brasil. Direção: Cibele Forjaz. Com Louise Cardoso e Marcelo Escorel. **Teatro Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 25 (qui., sex. e dom.) e R$ 30 (sáb.)

O AVARENTO

Com texto de Molière, o espetáculo já foi visto por mais de 600 mil pessoas em cerca de 60 cidades do Brasil e acaba de completar 500 apresentações no seu quarto ano de temporada. Tradução e direção: João Bethencourt. Com Jorge Dória, Gláucia Rodrigues, Henrique César. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha, 01, Centro). Fone: 2563-4163. Quinta, Sexta e Domingo, 19h30. Sábado, 20h30. R$ 20 (qui., sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.) Aceita cartão e Rede Shop. Até 2 de novembro.

O CASO DA RUA AO LADO

Comédia de Eugène Labiche mostrando o imbróglio de dois amigos que acordam de ressaca, não se lembram do que fizeram na noite anterior e suspeitam que tenham cometido um assassinato. Adaptação e direção: Alberto Renault. Com Luiz Fernando Guimarães, Otávio Muller, Nelson Dantas, Clarice Niskier e João Fonseca. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 30 (qui. e sex.), R$ 35 (dom.) e R$ 40 (sáb.).

O LUSTRE

Comédia dramática considerada um dos melhores espetáculos apresentados na Fringe, mostra paralela do Festival Internacional de Teatro de Curitiba (2002). Texto: Antonio Hildebrando. Direção: Djalma Thürler. Com André Carvalho e Adriana Rabello. **Teatro do Centro Cultural da Justiça Federal** (Avenida Rio Branco, 241, Centro). Fone: 2510-8848. Quinta a domingo, 18h. R$ 10. Estréia 22 de outubro.

O MUNDO É UM MOINHO

Texto inédito de Fauzi Arap narrando o encontro de um velho autor desiludido e um jovem ator empolgado com o sucesso. Direção: Fauzi Arap. Com Cláudio Cavalcanti, Caio Blat. **Teatro do Leblon - Sala Marilia Pêra** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274 3536. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30 (qui.), R$ 35 (sex. e dom.) e R$ 40 (sáb.).

O QUE DIZ MOLERO

Da infância à vida adulta de um personagem chamado Rapaz, episódios narram os aspectos mais bizarros da existência humana. Texto: Dinis Machado. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Rachel Iantas, Orã Figueiredo, Cláudio Mendes. **Teatro Casa Grande** (Av. Afrânio de Mello e Franco, 290, Leblon). Fone: 2239-4046/ 4045. Sexta e sábado, 21h. Quinta e domingo, 18h. R$ 15 (qui. e sex.), R$ 30 (sáb.) e R$ 20 (dom.).

O REI DOS ESCOMBROS

Desempregado, cheio de dívidas e abandonado pela mulher, ator pensa em suicídio. Texto: Mauro Sta. Cecília, Ana Paula Maia e Ricardo Petraglia. Direção: Moacir Chaves. Com: Ricardo Petraglia. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2541-6799. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15 (qui., sex. e dom.) e R$ 20 (sáb.).

APLAUSO TEATRO 5 ANOS

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

APLAUSO TEATRO 5 ANOS

PERSONALÍSSIMA

Espetáculo musical que conta as sete décadas de vida e obra de Isaurinha Garcia, a primeira Rainha do Rádio Paulista. Texto: Julio Fischer. Direção: Jacqueline Laurence. Com Rosamaria Murtinho, Rick Garcia. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2541-6799. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 25 (qui., sex. e dom.) e R$ 30 (sáb.).

7 X MEDÉIA

O grupo Corpus In Scena Produções analisa os mundos masculino e feminino sob a ótica da antiga Grécia. Texto original: Eurípedes. Adaptação e direção: Vivaldo Franco. **Teatro do Museu da República** (Rua do Catete, 153, Catete). Fone: 2558 6350. Sábados e domingos, 19h30. R$ 15,00 e R$ 7,50 (estudantes e idosos).

SONHOS DE EINSTEIN

Intrépida Trupe encena esquetes sobre a relação efêmera do homem moderno com o tempo. **Teatro da Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, 24 / 27, Lapa). Fone: 2220-5070. Sexta a domingo, 20h. R$ 20.

TARTUFO

Falso beato é recebido por um rico senhor que cai na sua lábia a ponto de lhe oferecer a mão da própria filha. Texto: Molière. Tradução e adaptação: Guilherme Figueiredo. Direção: Tonio Carvalho. Com Eduardo Moscovis, Vivianne Pasmanter, Leandra Leal. **Teatro Clara Nunes (Rua** Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20 h. R$ 25 (qui.), R$ 30 (sex. e dom.) e R$ 35 (sáb). Até 9 de novembro.

TERRA BRASILIS

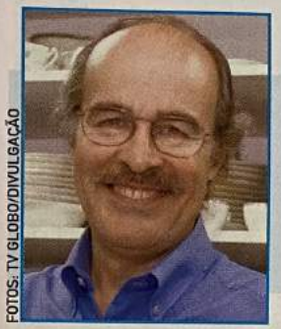
Megaprodução que conta a história do Brasil através da música e da dança. Direção: Fernando Bicudo. Música: Maestro Silvio Barbato. Coreografia: Antonio Gaspar. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes, s/n°, Centro). Fone: 2221-1223. Quinta, 18h30. Sexta e sábado, 21h. Domingos, 17h. R$ 40 (Balcão Nobre e Platéia) e R$ 20 (Balcão Simples). Estudantes, idosos e clientes Amil (com a carteira) pagam 50%.

VAMOS BRINCAR DE AMOR EM CABO FRIO

Musical de Sergio Viotti com músicas de João Roberto Kelly. Mostra o universo ingênuo das férias num balneário de verão nos anos 60. Direção: Stella Miranda. Com Cláudia Netto, Luis Salem. **Sala Baden Powell** (Av. Nsa. Sra. de Copacabana, 360, Copacabana). Fone: 2548-0421. Quinta e domingo, 19h. Sexta e sábado, 21h. R$ 15 (idosos e estudantes R$ 7,50). Reestréia dia 16 de outubro.

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica



FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

Intimidade indecente

"Além de o texto da Leilah Assumpção ser muito sensível, as interpretações da Irene Ravache e do Marcos Caruso são sempre emocionantes. Imperdível".

Osmar Prado, ator

A ópera do malandro

"Lindo, maravilhoso, um espetáculo que toca qualquer pessoa, de qualquer geração ou idade. Com texto e música do Chico (Buarque), não precisa dizer mais nada..."

Luiza Curvo, atriz

Assassinato em série

"Eu me surpreendi porque é um jantar em que o público se senta numa mesa com cinco lugares, come, bebe e vira detetive. Uma das peças interativas mais interessantes que assisti".

Totia Meireles, atriz

Tartufo

"Gosto do espetáculo por vários motivos. Mas, principalmente, pela direção e os trabalhos excelentes do Du (Moscovis) e da Leandra (Leal), que estão sempre muito bem no palco".

Rodrigo Faro, ator

ESSE ALGUÉM MARAVILHOSO QUE EU AMEI

Casal de escritores tenta superar a famosa crise dos 7 anos com muito humor e devaneios de traição.

Durante uma crise conjugal, a melhor fuga é o devaneio. E esta é a arma dos personagens vividos por Marcelo Serrado e Cláudia Rodrigues na peça *Esse Alguém Maravilhoso que Eu Amei*, de Aloísio de Abreu, que estréia no próximo dia 16 de outubro no Teatro Cândido Mendes. Mas se engana quem pensa que se trata de mais uma peça sobre os conflitos de um casal. O relacionamento é apenas um pano-de-fundo para situações cômicas que acontecem entre o sonho e a realidade.

Batizados apenas de *Ele* e *Ela*, os protagonistas são escritores casados há 7 anos, que se sentem sufocados com a rotina. Aos poucos eles começam a fantasiar o outro na pele de personagens que eles criaram ou de tipos clássicos da literatura – como Dom Quixote e Julieta. "A idéia partiu de como um casal de escritores teria a relação influenciada por suas obras. Embora sejam neuróticos e malucos, eles tentam resolver uma situação-limite e não se separar", explica Aloísio, que divide a direção do espetáculo com Cininha de Paula.

Reencontro

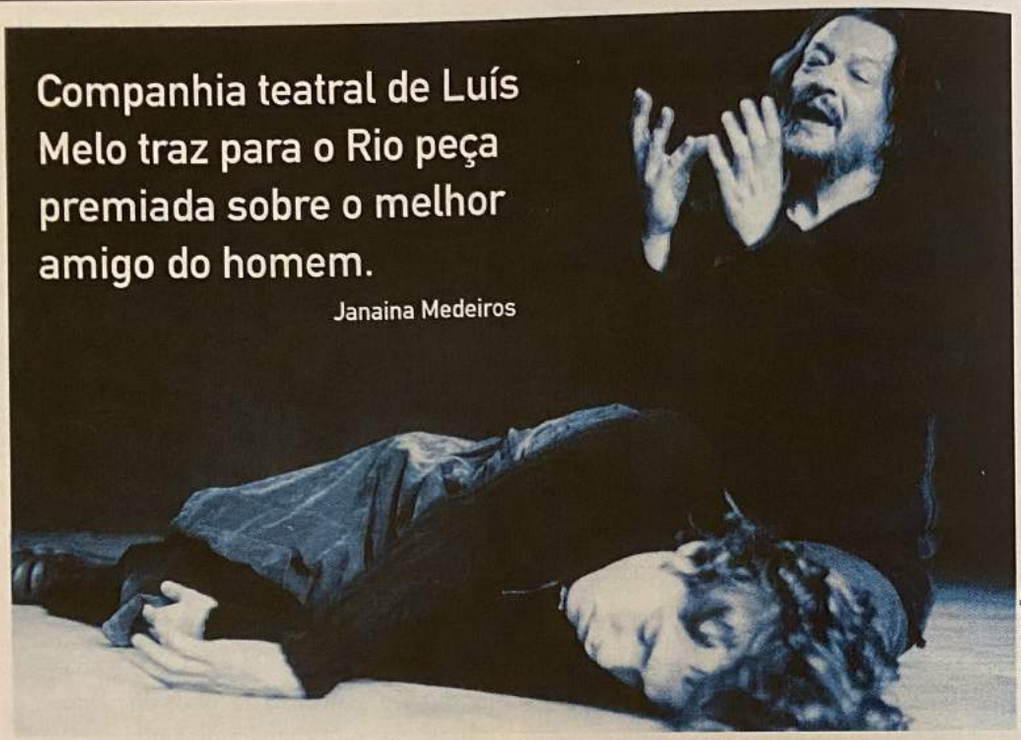
Aloísio de Abreu, Marcelo Serrado e Cláudia Rodrigues reeditam o triângulo profissional da *Menor Companhia do Mundo*, cujo primeiro espetáculo foi o premiado *Sobe o Pano!*. "O Aloísio conhece o nosso *timing* e escreveu diálogos sob medida para mim e para a Claudia. Estou muito feliz de retomar nossa parceria", conta Serrado.

"Acho importante na ficção repetir os chavões que minam qualquer relacionamento para que, ao assistir e se identificar, possamos enxergar os nossos erros e nos policiarmos mais", diz Cláudia Rodrigues, que acredita estar aí a chave do humor da peça. "*Ela* é apaixonada e tem certeza de que vai encontrar o homem da sua vida. Quando encontra, tenta moldá-lo. *Esse Alguém* serve de espelho para qualquer um. Fica a mensagem de que não basta encontrar alguém bacana. É preciso percebê-lo, permitir que ele respire e cuidar da relação."

Rosa Púrpura

O cenário de Fernando Mello tem papel fundamental na peça, já que ajuda a delimitar o espaço entre sonho e realidade vividos pelos protagonistas. Escritores, eles fantasiam situações enquanto escrevem no computador. Daí surgem diálogos imaginários, recurso inspirado no filme A Rosa Púrpura do Cairo, de Woody Allen. Marcelo Serrado e Claudia Rodrigues contracenam com imagens (personagens interpretados por eles mesmos) criadas pelos devaneios de Ele e Ela, projetadas num telão localizado no fundo do palco – uma espécie de monitor gigante.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Companhia teatral de Luís Melo traz para o Rio peça premiada sobre o melhor amigo do homem.

Janaina Medeiros

FOTOS: DIVULGAÇÃO

CãoCoisa e a coisa homem

"O homem é humanizado pelo cão. Ele é capaz de perceber o que é o verdadeiro amor, sem cobranças, através da lealdade do animal". A definição de Luís Melo é o melhor resumo do espetáculo que fica em cartaz entre os dias 10 e 26 de outubro no Espaço Sergio Porto. Trata-se do premiado *CãoCoisa e a Coisa Homem*, primeiro trabalho do Ateliê de Criação Teatral (ACT), núcleo de pesquisa criado pelo ator em Curitiba, três anos atrás.

Com dramaturgia assinada pelo diretor Aderbal Freire-Filho, a peça é um resultado autoral sobre a relação do ser humano com o cachorro. Segundo o próprio Aderbal, *CãoCoisa e a Coisa Homem*" é uma das infinitas possibilidades de abordar a história do homem, olhando para a relação do homem e do cão, animais próximos, na possibilidade de confrontá-los".

Videoclipe

Luís Melo é o protagonista que não tem nome. É um homem que atravessa várias fases da história acompanhado por um anjo ou por um cão, interpretados por diversos atores do ACT. "Achei que só iríamos atrair o público mais jovem, acostumado com a linguagem fragmentada de videoclipe, mas o público mais velho ou erudito também fica instigado por causa das referências que usamos."

Em 2002, *CãoCoisa e a Coisa Homem* recebeu três prêmios na 22ª edição do Troféu Gralha Azul, em Curitiba: Melhor Ator Coadjuvante (Andrei Moscheto), Melhor Ator (Luís Melo) e Melhor Espetáculo. "Fizemos uma breve temporada em Curitiba e em São Paulo, depois paramos porque sofri um acidente. Esse tempo foi importante para repensarmos a estrutura do espetáculo e agora voltamos com tudo", anuncia Melo, empolgado com a temporada carioca.

Experiências caninas

Durante mais de um ano, Luís Melo e o ACT ficaram mergulhados numa intensa pesquisa sobre a relação entre o homem e seu melhor amigo. Algumas referências literárias são a cadela Baleia (Graciliano Ramos), o cachorro Argos (Homero) e o cão Achado (José Saramago). Mas a grande surpresa aconteceu fora do palco: Luís Melo, que nunca teve cachorro, rendeu-se ao tema e comprou um Schnauzer preto, o Bentinho.

Cláudia Jimenez em Ópera do Malandro. Teatro Ginástico, 1978.

RIO PREFEITURA
CULTURAS

O festival internacional de teatro **riocenacontemporânea** patrocinado pela Prefeitura do Rio chega à sua quarta edição.

De 13 a 23 de novembro de 2003, teatros, centros culturais e ruas da cidade serão palco de peças teatrais, encontros, leituras dramatizadas, performances, exposições e intervenções urbanas.

Acesse o site **www.riocenacontemporanea.com.br** para mais informações.

riocenacontemporânea | 2003

ARTE DA ÁFRICA

14 de outubro de 2003 a 4 de janeiro de 2004

Estátua real Chibinda Ilunga - Angola, Chokwe
Foto para efeito de divulgação

A ÁFRICA QUE A TV NUNCA MOSTROU.

A África vai surpreender você

no Centro Cultural Banco do Brasil.

Participe do maior evento de arte

africana já realizado na América

Latina. Venha conhecer.

S M
B Ethnologisches Museum
Staatliche Museen
zu Berlin

Patrocinio

Ourocap

Realização

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL: Rua 1º de Março, 66 - Centro - Tel.: 3808-2020 ccbbrio@bb.com.br cultura-e.com.br